

JOSÉ NUNES DE OLIVEIRA E MARILENE RIBEIRO
Retrato de José Nunes (detalhe), 2016



RIOS-DESERTOS:

constatações durante o processo de construção do trabalho Água Morta

MARILENE CARDOSO RIBEIRO*

RESUMO Trata-se de uma reflexão da autora – com base nas vivências em campo e nas trocas com os participantes do trabalho documental *Água Morta* – sobre as transformações nos rios, indivíduos e comunidades ribeirinhas em decorrência da construção de barragens para hidrelétricas. O ensaio é apresentado na forma de um diálogo entre imagem e texto e culmina com a concepção de rios-desertos, de acordo com o que é observado e interpretado durante o processo de trabalho do *Água Morta*.

PALAVRAS-CHAVE Hidrelétricas. Impactos Socioambientais. Rios. Ribeirinhos. Fotografia. Colaboração.

DESERTED RIVERS:

lessons learnt during the making of Dead Water

ABSTRACT This essay draws on the author's fieldwork and on her encounters with the participants of the documentary project *Dead Water* as a point of departure for a reflection on the transformative effect of hydroelectric dams on rivers, individuals and riverine communities. Set out as a dialogue between image and text, this essay culminates with the concept of 'deserted rivers', closely based on observations and interpretations made during the work process of *Dead Water*.

KEYWORDS Hydropower Plants. Socio-environmental Impacts. Rivers. Riverside Dwellers. Photography. Collaboration.

* Artista Visual; Doutora em Artes Criativas/Fotografia pela University for the Creative Arts; Mestre em Ecologia, Conservação e Manejo de Vida Silvestre pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); Colaboradora do Latin America Bureau e do Fast Forward – Women in Photography - mcardosoribeiro@gmail.com

Em resposta ao “clamor” dos últimos anos pela construção de grandes hidrelétricas como solução para o crescimento econômico sustentável de países como o Brasil, a China, a Índia e a África do Sul, resolvi contar a história da hidreletricidade na perspectiva de quem julga entender esse assunto com profundidade, ou seja, na perspectiva dos atingidos por esses empreendimentos. Nesta investigação, construímos juntos – fotógrafa e fotografados – uma narrativa sobre os impactos da energia hidrelétrica.

Para esse projeto, intitulado *Água Morta*, convidei pessoas de diferentes regiões do Brasil a me dirigirem na execução de um retrato de si próprias, fornecendo informações sobre como desejam ser vistas pelos potenciais interlocutores deste trabalho e, principalmente, sobre o significado das mudanças vivenciadas com esses empreendimentos hidrelétricos. Trata-se de pessoas que foram realocadas para as obras das usinas hidrelétricas Sobradinho (no Rio São Francisco) e Belo Monte (no Rio Xingu) e outras que seriam realocadas para as obras das usinas Garabi e Panambi (ambas no Rio Uruguai). As sessões fotográficas são baseadas nos testemunhos dos entrevistados (meus colaboradores neste projeto), que escolhem o local onde desejam ser fotografados e um objeto para representar seus sentimentos frente à situação que enfrentam. Durante a sessão, cada uma dessas pessoas retratadas sugere modificações no seu próprio retrato.

Água Morta é o resultado dessa troca e constitui-se de depoimentos, fotografias feitas em campo, acervos pessoais das famílias participantes, desenhos, anotações e sentimentos garimpados junto com os atingidos por essas grandes obras, ao longo desse nosso encontro. O trabalho trafega pela imaterialidade dos custos envolvidos no barramento de rios e nos impactos dessa ação nesses ambientes e nas comunidades a eles associadas. Os retratos do *Água Morta* são embebidos por uma perspectiva híbrida fotógrafa-fotografados que floresce no momento de produção.

O recorte de imagens do *Água Morta* aqui apresentado concentra-se em uma questão que me inquietou durante o trabalho de campo: a fusão dos opostos água e deserto.

O imaginário de deserto – que, para além da imagem mental coletiva, é, por definição técnica, espaço de negação da água – era recorrente durante as minhas conversas com meus colaboradores (os ribeirinhos que participaram do *Água Morta*), numa referência à área que seria inundada pelo barramento, imaginando-a já transfigurada em um deserto – “Isto aqui vai virar um deserto!” (Marinês Nicolli dos Santos, participante do projeto e moradora de Linha do Rio, Porto Xavier, RS, referindo-se à região em que vive, que se transformaria no reservatório da hidrelétrica de Garabi). “Como deserto?”, eu me perguntava, “se estamos falando de rios caldalosos e grandes áreas alagadas, se estamos falando de água, muita água!”.

Fato é que a potência desses rios, vívida nas suas corredeiras, é roubada do seu percurso e transferida para um local puntual no seu curso, local sistemático, transversal, onde se encontram implantadas as turbinas da hidrelétrica – componente da engenharia do barramento. À montante desse local das turbinas – onde a água invade impiedosa, engolindo e sufocando, à medida que as comportas da barragem são fechadas para iniciar-se o funcionamento da usina – resta a morte. Cláudia Maria Gonçalves da Silva, habitante da margem do Rio Xingu desde que nasceu e também participante do projeto, apresenta-me um pouco de como esse agonizante processo opera.

[...] Eu quero falar sobre os animais, não os nossos pra cá pra baixo da barragem [do Complexo Belo Monte], os acima da barragem. Eu mesma acompanhei com meu esposo, uma vez que a gente fez uma viagem pra Altamira, depois que fechou as comportas [da barragem]. A gente ia indo no barco [a montante do barramento] e a gente olhou uma ilha já toda danificada, já tinham arrancado todas as árvores dela, mas ainda tinha umas três árvores grandes, enormes! É porque a gente andava desprevinido, não tinha celular e não tinha uma máquina pra filmar: se você visse o tanto de macaco – que, pra nós, chama guariba – numa árvore só, tipo, pedindo socorro! E eles [os responsáveis pelo projeto da hidrelétrica] falaram que iam ter pessoas fazendo pesquisa nas ilhas, resgatando os animais, colocando na terra firme. Eles podem até ter feito isso, mas não com todos, porque nós vimos macacos descendo nas águas, aboiado. Macacos, preguiças descendo nas águas. [...] Eu mesma mais meu marido, nós via preguiça boiando morta, sufocando no meio daquele lago [do reservatório]. A gente viu macaco guariba. Nós mesmos, eu mais o meu esposo, ainda peguemos um e coloquemos no seco, sabe? [...] A gente viu esses macacozinhos lá, nessa ilha, no meio do lago, trepados, tipo, pedindo socorro. Agora, me diga só: se eles fossem tirar os animais, de que maneira eles iam conseguir subir numa árvore daquelas pra tirar aqueles animais? Porque não tinha como subir naquelas árvores pra tirar aqueles animais [porque

as árvores eram muito altas]. Eu passei horas olhando pra eles lá, trepados. Aí, aqueles bicho fica lá trepados sem alimentação? Porque qual é a fruta que eles ia comer, se eles tavam ilhados e sem vegetação? Tudo isso a gente pensa. Então, isso pra mim foi um impacto que atingiu os seres humanos, os animais e, principalmente, os peixes. [...]

(13 de outubro de 2016)

Ao dilúvio, segue a formação de uma paisagem lacustre empobrecida, lívida, quase inerte: o reservatório (que consuma esse ato de usurpação, domínio e morte). Nas minhas incursões de barco pelos reservatórios, durante os meus campos, não se ouvia mais o barulho das corredeiras que eu vi nas imagens de arquivo pessoal dos participantes. A paisagem, agora, ecoava o oco do silêncio. Nenhuma vida percebida. Nem acima nem abaixo da lâmina d'água. Talvez somente um esboço de vida dos sobreviventes. Havia ali de fato uma paisagem desértica. Além dos rios visíveis aos olhos, também os rios que correm dentro daqueles ribeirinhos se desertificam: senso de localização, de identidade, de pertencimento, de comunidade, memórias, legados e culturas são cobertos pelo alagamento daqueles lugares, daquelas paisagens.

De fato, testemunhei desertos cheios de água. De uma água morta (como vários dos ribeirinhos participantes deste projeto também frisaram), desertificada em seu cerne, já que nada nela habita, já que não provê vida. Uma paisagem árida, ironicamente, consequência do afogamento e não da privação de líquido.

Pelas vivências compartilhadas com as famílias participantes do trabalho *Água Morta*, concluo que a geração de energia obtida por meio de barramento de cursos d'água, tão divulgada como energia limpa e sustentável, cria, na realidade, desertos, cria rios-desertos.

O trabalho *Água Morta* foi desenvolvido com o apoio do Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB) e financiado pelo CNPq. Contou também com fundo proveniente do prêmio da Royal Photographic Society concedido à artista.

Resumo do projeto está disponível em: <https://www.marileneribeiro.com/deadwater>.

© Camila Grzecka e Marilene Ribeiro 2016

1) Retrato de Camila

Sentimento de Camila: perda e tristeza por todas as formas de vida que serão sacrificadas para a barragem existir.

(Mas ela também cita oportunidade de levar seus pais para a vida urbana).

Objeto escolhido por Camila: seus peiquitos

Local: lajeado Inácio

(Local que será encoberto pelas águas se a barragem de Panambi for construída.)



Camila – Ah [tom sarcástico], eles falam: “vamos reflorestar, vai ficar tudo tranquilo”. Mas, quanto tempo vai demorar pra crescer essa árvore pra ficar como tava quando eles, simplesmente, cortaram pra construir uma usina [de Panambi]?

Esse valor eles não falam, isso eles não dizem, né?! Então, começa por aí!

Os animais: o habitat deles vai ser afetado. Então, quanto tempo eles vão levar para se adaptar a um novo habitat? Muitos nem vão conseguir chegar a um novo habitat, vão ficar por ali, vão morrer por ali mesmo.

Então, tem tudo isso! Tem toda essa questão. [...] A natureza [pausa] Gente, nós ganhamos o meio ambiente, a floresta, tudo de graça! Deus não cobrou nada pra nos dar. Daí, o homem vai lá e destrói por quê? Por interesse! “P-r-o-d-u-z-i-r energia!” [tom sarcástico] E tem outras formas de produzir energia. Por que é que não é trabalhado essas outras formas de produzir energia?

Querem tudo pro lado mais simples, parece, mais prático pra eles.

Não pensam no meio ambiente e na população.

É bem isso que eu penso, sabe? É isso aí.

(24 de fevereiro de 2016)

© Claudinei Zuehl e Marilene Ribeiro 2016



2) Retrato de Claudinei

Sentimento de Claudinei:

tristeza e perda

Objeto escolhido por Claudinei: peixes

Local: sua marcenaria

Claudinei – Tu já imagina como é que vai ser isso aí [após a construção da barragem de Panambi], porque não será mais uma água limpa, correndo livre, que nem nestas fotos que eu mostrei pra você – uma água correnteza, que a gente enxerga o pedregulho no fundo, até criança pode brincar nesta água, na parte

mais rasa do rio. É um lugar bonito mesmo.

Marilene – Você acha que isso iria se perder [se a barragem Panambi for construída]?

Claudinei – Isso com certeza vai sumir do mapa! [...] Vai ficar uma água verde, com caldo...

Imagina a tristeza do pessoal. Os tipos de peixes que a gente encontra aqui agora, eles vão desaparecer. [...] Esse rio aqui [de agora]: pode esquecer! Tomar banho e pescar: já era. [...]

Marilene – O que você não gostaria de esquecer, se você tivesse de sair daqui por causa da barragem [de Panambi]?

Claudinei – Mas, eu? O rio [Uruguai].

(5 de fevereiro de 2016)



Claudinei e Márcio (filho de Claudinei) em uma das corredeiras do Rio Uruguai, 2009 (Acervo pessoal de Claudinei Zuehl, original em papel fotográfico)

3) Retrato de Maria das Graças e Delcilene

Sentimento de Delcilene: tristeza e humilhação

Sentimento de Maria das Graças: tristeza

Objeto escolhido por Delcilene: cajus

Objeto escolhido por Maria das Graças (mãe de Delcilene): areia

Local: quintal do antigo local de moradia da família, ilha do Caju (atualmente, parcialmente submersa pela barragem de Belo Monte)

© Maria das Graças da Silva, Delcilene Gomes da Silva e Marilene Ribeiro 2016

[Nós três conversando, Delcilene, Maria das Graças e eu, Marilene]
Delcilene – Nossa ilha, nossas praias, nossas árvores, nossa casa [pausa] tudo se acabou.

Maria das Graças – Porque as ilhas, as árvores, morreu tudo, tá tudo morto.

Tá parecendo um sertão. Não é? Aquele que só se vê aqueles toco reto, que passa na reportagem [em] dia de domingo. Tá a mesma coisa.

(...) Menina, como diz o ditado, quando a gente olha, é só tristeza, né? Eu te



falo, primeira vez que nós fomos pra lá [para a área da ilha do Caju], depois do enchimento do lago [reservatório da barragem], que nós cheguemo na boca do canal, que eu olhei pra um lado e pro outro, eu falei, “Não, o rumo é este, mas não é pra cá” – eu ali, sentadinha no banco, na popa da voadeira, mais [junto com] ela [Maria das Graças aponta para Delcilene], aí, eu falei, “Neném [apelido de Delcilene], onde é que nós tamo, Deus do céu?”, e ela [Delcilene] falou, “Mamãe, nem eu mesma sei”. Aí, quando nós vinha de subida, foi que vi o morro e eu disse, “Aquele morrão é o morro da Arundina?”, Aí, o piloto falou assim, “É aí.”

Aí foi que eu [re]conheci aquele lugar, mas, o resto, eu não [re]conhecia mais nada.

Aí [Maria das Graças aponta para Delcilene], ela falou, “Mãe, aquela ilha lá é a ilha que nós morava [a ilha do Caju]”, eu falei, “Não, menina!”, e ela falou, “É, mamãe, é a ilha do Caju.”

Porque eu ainda vi a ilha, mas, pra mim, de jeito nenhum que era a nossa ilha.

(15 de outubro de 2016)



© José Nunes de Oliveira e Marilene Ribeiro 2016

4) Retrato de José Nunes

Como é que tá, hoje, a ilha que a gente morava?

A que tinha as seringas [seringueiras] e as árvore tudo?

Lá ficou um deserto.

Eles [os funcionários da Norte Energia] derrubaram as árvore e enterraram tudo.

O que não enterraram, queimaram.

Quando eu passo lá de barco, eu vejo. Tá um deserto só.

© Marilene Ribeiro 2016



5) Árvore cortada e queimada. Queimada para supressão vegetal feita pela empresa responsável pelo projeto da hidrelétrica na área a ser transformada no reservatório principal do Complexo Hidrelétrico Belo Monte. Ilha do Zé Maria Preto, Rio Xingu, 2016

Mais de 3 milhões de árvores foram cortadas e queimadas pelos funcionários da Norte Energia (empresa responsável pelo projeto da hidrelétrica) nas áreas que seriam ocupadas pelos reservatórios do Complexo Hidrelétrico Belo Monte – uma ação denominada pelos engenheiros de “supressão vegetal”. O céu da cidade de Altamira (cidade mais próxima da obra) e seus arredores permaneceu escuro e cheio de fuligem por três meses, devido à fumaça que vinha da extensa área da floresta amazônica em chamas. Oficialmente, a hidrelétrica suprimiu 400km² de floresta amazônica.

© Marilene Ribeiro 2016



6) Caranguejo morto pelo calor das chamas. Queimada para supressão vegetal feita pela empresa responsável pelo projeto da hidrelétrica na área destinada ao reservatório principal do Complexo Hidrelétrico Belo Monte. Ilha do Arapujá, Rio Xingu, 2016

7) Retrato de Maria Helena, Maria Dalva e Larissa

Sentimento de Maria Helena e Maria Dalva: tristeza

Objeto escolhido por Maria Helena: imagem de São José

Objeto escolhido por Maria Dalva (filha de Maria Helena): uma das folhas mortas de açaí (e também seu vestido de casamento; Maria Dalva casou-se na ilha do Pivela)

Objeto escolhido por Larissa (neta de Maria Helena): solo da ilha do Pivela

Local: plantação de açaí no quintal do antigo local de moradia da família, ilha do Pivela (atualmente, parcialmente submersa pela barragem de Belo Monte)



© Maria Helena Almeida, Maria Dalva Almeida, Larissa Almeida e Marilene Ribeiro 2016

Maria Helena seguiu os passos de seu pai: sua família organizou a festa do Dia de São José por cerca de um século. Todo dia 19 de março, os moradores da região se reuniam na ilha de sua família para batismos, cerimônias de casamento, procissão de barcos e também para rezar, cantar e dançar. Maria Helena lembra que sua família produzia fogos de artifício artesanais para a festa e oferecia um banquete para os convidados. Os moradores também decoravam os barcos e o local com fitas e laços. Quando as obras da barragem de Belo Monte começaram, os habitantes das ilhas locais tiveram de se mudar, o que levou essa tradição a desaparecer, segundo Maria Helena. Ela comenta que desejava que sua neta, Larissa, pudesse continuar com essa tradição, assim como ela própria fez quando seu pai faleceu.



Maria Helena (terceira da esquerda para a direita) e sua família (mãe de Maria Helena na rede azul, no primeiro plano), em uma das ilhas atualmente submersas pela barragem de Belo Monte, Rio Xingu, 1984. (Acervo pessoal de Maria Helena, original em papel fotográfico)

8) Retrato de Ailton

Ailton – [...] Cada propriedade é uma vida, é uma história. Isso aqui ficou com nossos avós, passou pra os nossos pais e passou pra nós, né? [...] Eu acho que, na minha opinião, uma barragem, ela não tapa só a terra e o que tá em cima da terra, ela tapa o emocional, ela tapa a amizade, ela tapa muito mais do que a simples terra que tá ali.

Marilene – Caso acontecesse a barragem de Panambi, o que você não queria perder?

Ailton – Eu não queira perder a minha profissão. Eu não queira perder o ofício que eu aprendi. Lidar no que eu lidei, né? [...]

Marilene – E quando você pensa nessa situação, por causa da barragem [de Panambi], o que é que vem, aí dentro de você? O que é que você sente?

Ailton – Vem um sentimento de impotência, de você estar dominado, de você não... Porque, hoje, dizem que a gente está numa democracia. Mas, aí, eu te pergunto: “onde é que tá essa democracia? Que democracia é essa que a nossa opinião não vale nada?” A Eletrobras mandou esses funcionários deles [para reunir com a comunidade]. Nas reuniões, [eles] diziam: “Nós queremos saber da opinião do povo, se o povo é contra ou se o povo é a favor [da barragem].” Aí, me vem outro sentimento, assim, ó: pra que é que eles querem a nossa opinião, se eles não vão respeitar ela igual? Se o que eu estou dizendo não vai ser levado em consideração, não vai ser levado em conta, então, pra que é que serve a minha opinião?
(4 de fevereiro de 2016)

© Ailton Carvalho dos Santos e Marilene Ribeiro 2016





© Marinês Nicolli dos Santos e Marilene Ribeiro 2016

9) Retrato de Marinês Nicolli

Eu sinto pelos meus filhos: pelo futuro que eles não vão ter.

Porque, se [a barragem] Garabi acontecer, eles não vão poder ficar aqui na nossa terra.

A visão do sol

“O que você não queria perder?” [caso a barragem de Garabi aconteça] Fotografias feitas pelos participantes do campo Complexo Garabi-Panambi em resposta a esta pergunta)



A VISÃO DO SOL
POR MARINÊS NICOLLI
18/02/2016

Filme instantâneo. Título e fotografia © Marinês Nicolli dos Santos 2016

© João Evangelista do Espírito Santo e Marilene Ribeiro 2015

10) Retrato de João Evangelista

Sentimento de João Evangelista:
saúde

Objeto escolhido por João Evangelista:
mandioca e batata-doce

Local: seu atual local de moradia
(que contém algumas partes da sua casa de Alto do Melão)



Eu sinto é muita saudade de lá, daquela terra que tudo dava.
(9 de maio de 2015)

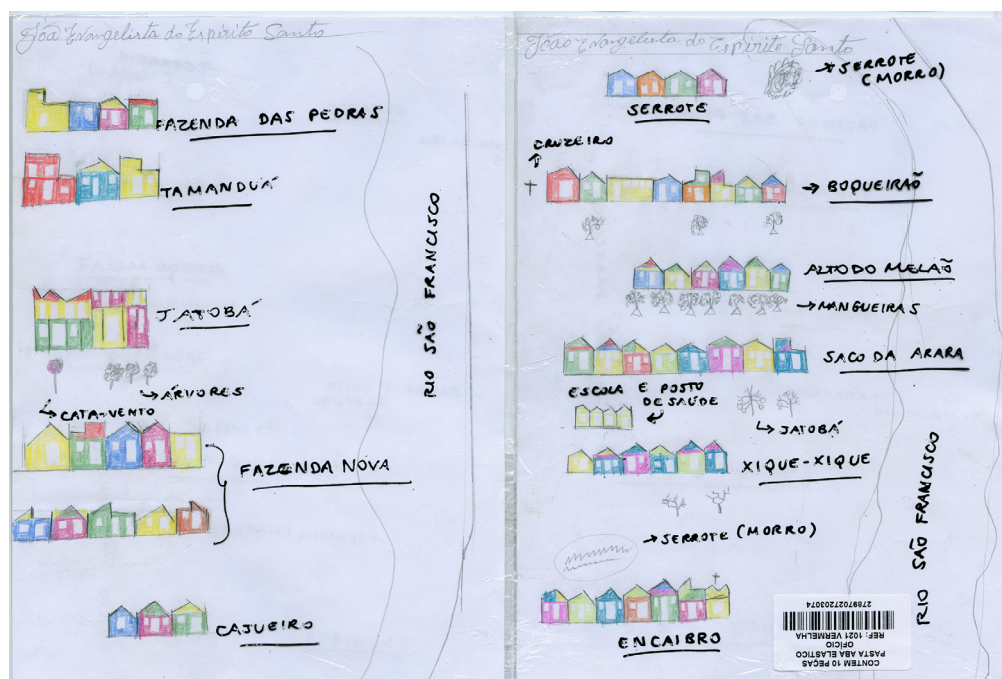


Ilustração feita por João Evangelista, representando algumas das comunidades que foram submersas pela barragem de Sobradinho, em 1978. Coluna da esquerda (de cima para baixo): Fazenda das Pedras, Tamanduá, Jatobá, Fazenda Nova e Cajueiro. Coluna da direita (de cima para baixo): Serrote, Boqueirão, Alto do Melão, (local onde João Evangelista vivia), Saco da Arara, Xique-Xique e Encaibro. Linhas onduladas (em grafite) na margem direita dos dois papéis representam o Rio São Francisco.

© João Evangelista do Espírito Santo 2015



© Geovan Carvalho Martins e Marilene Ribeiro 2016

11) Retrato de Geovan

Eu vejo meu retrato no rio. O pescador per-
tence ao rio, né?

... O objeto para representar meu sentimento...

Eu queria poder levar a fachada da minha casa...

Mas ela tá debaixo d'água...

(21 de outubro de 2016)

12) Rio Xingu, atual reservatório principal do Complexo Hidrelétrico Belo Monte

Maria Rosa (participante do projeto) – A verdade eles nunca
contam! A gente que tá por dentro daquilo, a gente tá vendo, mas
nunca é divulgado.

Abafam aquele negócio ali!

Só vai coisa boa pra frente [para ser divulgada].

Inclusive, a gente vê, quando passa no Fantástico – algumas vezes
que a gente assistiu, mostrando só os assentamentos que eles
fizeram, só coisa boa!

Marilene – Do seu ponto de vista, o que seria a verdade? Pra você.

Maria Rosa – A verdade era eles mostrarem tudo que as pessoas
estão passando: a necessidade, o sofrimento. Eles mostram uma
coisa que não é! Aquilo que eles desmataram, que eles deixaram
tudo do jeito que eles quiseram, eles não mostram! [pausa] A
gente vê que a natureza [pausa] Quantas ilhas [pausa]

O menino acabou de me dizer que as ilhas estão morrendo!

(2 de novembro de 2016)



© Marilene Ribeiro 2016

